

Ainda sobre politização das polícias

Há muitos anos o clima organizacional das polícias está contaminado pela politização. Autoridades dirigentes dos poderes da República precisam adotar medidas que levem ao resfriamento dos ânimos

Nos últimos meses o debate sobre segurança pública e polícias mudou de direção. Antes discutia-se a necessidade de mudanças no modelo organizacional das polícias e na gestão da segurança pública. Agora, os jornalistas e analistas se perguntam sobre os perigos da politização das polícias.

Quase todo dia algum jornalista ou analista político levanta dúvidas se, no caso de uma crise institucional, as Forças Armadas e as policiais irão seguir o que determina a Constituição Federal e o ordenamento jurídico nacional. O simples fato de esse tipo de questionamento existir é bastante assustador. É desalentador constatar que após 33 anos da promulgação da nova constituição federal ainda persistem dúvidas sobre a adesão aos valores democráticos por parte das instituições policiais.

Como chegamos a este estado de coisas? O que está acontecendo no interior das corporações policiais para dar lugar a esse tipo de questionamento?

Não é de hoje que o país está mergulhado numa crise política. Os sinais vêm de muito tempo atrás. Em 2013, milhões de pessoas foram às ruas protestar sobre a qualidade dos serviços públicos e os escândalos de corrupção. Desde então é crescente a sensação de que os partidos políticos não representam os interesses e anseios da população.

A crise não se restringiu aos poderes executivo e legislativo. Mais recentemente o poder judiciário passou a ter sua legitimidade posta em dúvida. Decisões contraditórias, uso de chicanas jurídicas para adiar decisões, além das constantes manifestações públicas de magistrados têm minado a confiança no judiciário.

Paralelamente à crise dos poderes da República, o país atravessa uma crise econômica que se estende desde 2015, pelo menos. Os indicadores da economia real - emprego e inflação – apontam para o agravamento da situação financeira do país.

Embora não tenha começado agora, a crise financeira foi severamente agravada pela pandemia do coronavírus. Aumentou significativamente o número de brasileiros que vivem abaixo da linha da miséria. Em geral, as respostas dos governos federal, estadual e municipal foram insatisfatórias. Faltaram planejamento, orientação, coordenação e comunicação.

Temos diante de nós aquilo que alguns analistas chamam de tempestade perfeita: crise política, econômica e sanitária. Para piorar a situação, não se vislumbra no horizonte próximo solução para essa crise. É neste contexto que surgem as dúvidas sobre a conduta das polícias em cenários futuros.

Existem elementos que permitem questionar a adesão das polícias aos princípios do estado de direito. As pesquisas mostram um enorme apoio ao presidente Bolsonaro entre os policiais. Elas também assinalam que um grupo pequeno, mas crescente de policiais tem grande engajamento em sites e blogs que difundem ideias radicais e antidemocráticas.

Também sabemos que há muitos anos o clima organizacional das polícias está contaminado pela politização. Policiais integrantes de grupos políticos se apresentam para solucionar problemas estruturais do sistema de segurança pública: baixos salários, planos de carreiras defasados, falta de incentivos e baixa valorização profissional. Muitas dessas lideranças passaram recentemente a radicalizar o discurso e a apoiar ideias antidemocráticas.

Mas é importante destacar que a solução da crise não passa pelas polícias e tampouco pelas Forças Armadas. Ao contrário, qualquer tipo de manifestação política dessas instituições tenderá a agravar ainda mais o cenário. Cabe somente às autoridades dirigentes dos poderes da República adotar medidas que levem ao resfriamento dos ânimos.

<https://fontesegura.org.br/editorial/putx398icu>

